

AS FUNÇÕES DISCURSIVAS DA CAUSALIDADE

Sumiko Nishitani IKEDA¹

Fátima Beatriz De Benedictis DELPHINO²

RESUMO: Muitas orações introduzidas por ‘conjunção subordinativa causal’ não são realmente subordinadas adverbiais causais: a conjunção *porque* pode introduzir três tipos de leitura da relação causal, segundo Sweetser (1991) de conteúdo, epistêmico e de ato de fala. Por outro lado, a relação causa-efeito nem sempre é sinalizada por meios tradicionais, podendo mesmo ocorrer implicitamente, caso em que o ouvinte precisa deduzir a conexão através do contexto. Além disso, a construção causal envolve funções discursivas: dentro da perspectiva dialógica da linguagem, ela emerge em geral depois de relações retóricas de contraste e negação ou, mais genericamente, depois de proposições que vão contra as expectativas partilhadas, de acordo com Ford (2000). Esta pesquisa busca caracterizar as escolhas léxico-gramaticais para a realização da relação causal, com base em Jordan (1998), bem como especificar as funções discursivas da causalidade no português, além das tradicionalmente conhecidas funções de explicação e de solução, estudadas no inglês por Ford (1994, 2000). A causalidade será enfocada na modalidade oral, em diálogos entre falantes da norma culta. A metodologia consiste na contagem das escolhas léxico-gramaticais para sua expressão, bem como de posterior classificação dessas realizações, tendo em conta sua função discursiva.

PALAVRAS-CHAVE: Causalidade. Expressão da causalidade. Funções discursivas. Conversa.

¹ LAEL-PUC-SP, São Paulo, São Paulo, Brasil. sumiko@uol.com.br

² CCL-CEFETSP, São Paulo, São Paulo, Brasil. fatima.delphino@gmail.com

Introdução

A expressão das relações causais na linguagem é crucial para a comunicação, dizem Maat e Sanders (2000), e a conceituação da causalidade é um aspecto fundamental da cognição humana, e, sem muito risco de exagero, continua o autor, pode-se dizer que qualquer língua possui meios para expressar as relações causais. O que conhecemos, em geral, dessa relação é, no entanto, apenas a sua função sintática, pela qual uma oração encabeçada por conjunção subordinativa causal se subordina a outra, a oração principal. Já em sua função semântica, e em mais recente data, a relação causal passou a integrar os meios de coesão estrutural em relações orgânicas típicas de elo, que juntamente com outros elementos dão textura ao texto, como ensinam Halliday e Hasan (1989).

Porém, à luz de evidências da dialogicidade da linguagem, o estudo da causalidade em contexto interacional de conversa revela-a como fruto de negociação entre os interlocutores. Segundo Ford (1994), a conjunção *porque* emerge depois de relações retóricas de contraste e negação, ou, mais genericamente, depois de proposições que fogem da expectativa partilhada. Mas ela mesma afirma que o estudo chama por mais pesquisa. De fato, acreditamos que há muito a fazer em direção a uma descrição integrada (sintática, semântica, discursiva) com apoio em dados naturais para uma melhor compreensão da relação causal.

Por outro lado, Mann e Thompson (1986) notaram que algumas relações entre partes do texto não são sinalizadas: precisamos deduzir as conexões através dos significados das afirmações oferecidas no co-texto. Além disso, de acordo com Schleppegrell (1992), muitas orações introduzidas por ‘conjunção subordinativa não são realmente subordinadas, seja no sentido de conceito estrutural (o encaixamento de uma oração em outra), seja no sentido de construto informacional (ideia principal x secundária).

O presente estudo dá continuidade a um exame que vimos realizando a respeito das funções discursivas da causalidade (IKEDA; DOTTORI FILHO, 2006), em que, a partir de uma revisão das funções sintáticas (conjunções subordinativas) através de Almeida (1967), Rocha Lima (1969), Gama Kury (1970), Bechara (1973) entre outros, e funções semânticas (palavras e expressões com significado causal) (JORDAN, 1998), partimos para a descrição da função discursiva desse elemento, para o que consultamos Decat (1995), Moura Neves (2000), Abaurre, Pontarra e Fadel (2001 apud IKEDA; DOTTORI FILHO, 2006), para citar alguns autores.

Esta pesquisa busca caracterizar as escolhas léxico-gramaticais para a realização da relação causal, bem como especificar as funções discursivas da

causalidade no português, além das tradicionalmente conhecidas funções de explicação e de solução, estudadas no inglês por Ford (1994, 2000). A causalidade será enfocada na modalidade oral, em diálogos entre falantes da norma culta.

A metodologia, de cunho quantitativo-qualitativo, consiste na contagem das escolhas léxico-gramaticais para sua expressão, bem como da posterior classificação dessas realizações, tendo em conta sua função discursiva.

Justificativa

Acreditamos que uma parte da dificuldade do aluno em aprender as ‘conjunções subordinativas refira-se ao fato de: (a) não haver uma distinção nítida e aceita entre orações principal e subordinada (e.g. SCHLEPPEGRELL, 1992); (b) a causalidade poder ser expressa por outros termos além das consagradas conjunções, como, por exemplo, por: *em, com, depois de, e então*, etc. e poder também estar implícita (SPOOREN, 1997; GOHL, 2000), dependendo para a sua recuperação de inferências feitas através do *frame* (enquadre) que o interlocutor traz na sua relação com o texto; (c) existir leituras diferentes para a conjunção *porque* (SWEETSER, 1991; DANCYGIER; SWEETSER, 2000), (d) ter função discursiva, podendo, entre outras aplicações, ser usada para a manutenção da face dos interlocutores (BROWN; LEVINSON, 1987). O presente estudo enfocará, além da causalidade expressa, a causalidade implícita (item b) e as funções discursivas da causalidade (item d). Com isso, espera contribuir para caracterizar melhor as funções da causalidade no discurso e preencher “um vácuo na pesquisa sobre o uso dessas construções na interação falada”, segundo Gohl (2000).

Apoio teórico

A expressão da causalidade

As principais conjunções subordinativas causais, para Silveira Bueno (1956) e Said Ali (1964), que expressam a *causa* em relação à outra oração, são: *porque, que, pois que, porquanto, visto que, visto como, uma vez que, como, já que*, aos quais Silveira Bueno acrescenta: *de modo que, de maneira que, de forma que*, enquanto Said Ali acrescenta *por* e *pois*.

Jordan (1998) demonstra como os meios de sinalização de causa-efeito são usados em diferentes registros e em diversas situações gramaticais e textuais. Entre

as sinalizações discutidas, incluem-se indicações nulas (ou omissão de conectivo), preposições, advérbios de tempo, gerúndios e orações QU-, bem como itens lexicais de significado causativo como: *isto, causa, efeito, assim, daí, porque, devido a*. Diz o autor que muitos fatores limitam essas possibilidades de sinalização da relação causal, tais como: registro, comprimento da sentença, ênfase, pressuposição, variedade de sinalização, coesão e semântica associativa, complexidade gramatical e a necessidade de um novo tema. O autor mostra que, embora os sinais da relação causa-efeito sejam bem conhecidos, sabemos pouco sobre como e quando eles são empregados no uso da língua em situação real.

Sabe-se que itens lexicais como *causa* e *resultado*, continua Jordan, nem sempre indicam a presença da relação causa-efeito. Por outro lado, algumas relações de causa-efeito não são indicadas de forma explícita. Muitas outras aparecem subentendidas por meio de preposições: *em, depois de, com*, ou por meio da conjunção *quando*, e outras fornecem indicações de local e tempo que, dentro do significado total da comunicação, podem ser percebidas como indicação de causa-efeito, e de tempo também. Apresentamos a seguir exemplos de Jordan:

- (a) *elementos não-contíguos* com gerúndio como *resultando em, causando* (que é, em geral, encabeçado por *assim, por conseguinte*):
 - (1) Em geral, as partículas não tratadas se reúnem na parte inferior do conduto, (*assim*) *causando* aumento gradual de pH conforme a água descartada atravessa a linha.
- (b) *ligação anafórica*:
 - (2) Nós somos também o pioneiro em gerenciamento de centro-de-gravidade. Nosso sistema de monitoramento e controle de combustível, construído em cooperação com a Hercules Aerospace, é um *meio* de reduzir custos de combustível para jatos para os operadores.
- (c) *o que (pronome relativo)*:
 - (3) Os componentes da fumaça de cigarros danificam o interior das veias, *o que pode* levar ao desenvolvimento da arteriosclerose.
- (d) *assim*:
 - (4) A temperatura do combustível armazenado nos tanques do navio ou nos tanques da parte inferior aproxima-se da temperatura do mar, que raramente excede a 30° C, e *assim* a exigência da SOLAS é plenamente satisfeita quanto aos 40° do ponto de fusão do combustível.

- (e) *isto*:
- (5) O fato é que muitas fórmulas vitamínicas não são equacionadas adequadamente. *Isto* pode prejudicar a sua absorção.

- (f) *preposição*:
- (6) Os idosos também sofrem *dos* danos do fumo.

- (g) *ordem cronológica*:
- (7) Kenneth Gibson (82) foi morto ao anoitecer da quinta-feira, quando o seu Oldsmobile derrapou numa curva e bateu num hidrante.

- (h) *não sinalizada*:
- (8) Na noite de 21 de outubro, o Universe Leader, um navio-tanque de 93.000 toneladas, começou a carregar óleo cru no terminal Whiddy Island do Golfo. Na manhã seguinte, 2500 toneladas do óleo cru estavam na Baía de Bantry Bay, em vez de estar nos tanques do navio. Alguém tinha aparentemente deixado aberta a válvula por cerca de meia hora.

- (i) *no interior dos limites da oração gramatical*:
- (9) O aquecimento dos oceanos pode estar encolhendo o tamanho do salmão do Pacífico.

A propósito dos elos assindéticos, Gohl (2000) nota que esse é um instrumento frequente, especialmente na conversa informal. Nesse caso, é quase impossível especificar a relação de coerência que existe entre dois enunciados adjacentes sem olhar para a sequência mais ampla do contexto circunstancial (linguístico e não-linguístico) desses enunciados. No caso da presente pesquisa, apoiamos-nos na noção de registro e suas variáveis de campo, relações e modo (HALLIDAY, 1994) para o estabelecimento desse contexto.

Segundo Gohl, embora haja vários estudos sobre essas estruturas causais assindéticas (e.g. BLAKEMORE, 1987), elas ainda não foram empiricamente investigadas. Além disso, continua ela, há um vácuo na pesquisa sobre o uso dessas construções na interação falada.

A função da causalidade

Desde os estudos do círculo de Bakhtin (1997), o uso da língua é considerado dialógico por natureza. Relacionado a esse fato, fala-se em projetabilidade na

conversa. Esse termo é usado na análise da conversa para referir-se ao modo complexo pelo qual um participante é capaz de projetar a completude do turno do outro, evidenciado pela rapidez com que inicia o turno subsequente, sobrepondo-se por vezes à fala do outro.

Nesse contexto, sugere-se que na conversa haja uma negociação imediata e clara entre os interlocutores, o que leva a elaborações introduzidas por *porque*. Dentro dessa perspectiva, Ford (1994) examina a conjunção *porque* em contexto de uso, comparando discurso monológico e dialógico. Neles, a conjunção *porque* emerge, na maioria dos casos, em contextos altamente negociados, altamente interacionais, e, em geral, depois de relações retóricas de *contraste* ou de *negação* ou de *avaliações 'fortes'*, ou, mais genericamente, depois de proposições que vão contra as expectativas partilhadas, ou seja, de resposta não-esperada. Ela cita três funções de *porque*, nesse contexto: de *explicação*, de *extensão* e de *elaboração*.

Com relação a essa função após resposta não-esperada ou segunda ação não-preferida, Gohl (2000) cita vários estudos da análise da conversa (e.g. ATKINSON; DREW, 1979; HERITAGE, 1984; POMERANTZ, 1984; SACKS, 1974) que mostram que certas ações, em geral organizadas como primeiras partes de pares adjacentes, tornam relevante uma segunda ação. Essas segundas ações têm realizações alternativas, porém não equivalentes: uma realização é a preferida, a outra, a não-preferida. Depois de pedidos, sugestões, oferecimentos e convites, uma aceitação será a segunda ação preferida e não-marcada, uma rejeição será a segunda ação não-preferida. Assim, também, depois de avaliações, uma concordância será a resposta preferida, um desacordo será a não-preferida. As segundas não-preferidas exibem vários traços comuns, envolvendo atrasos, prefácios e explicações por parte do seu enunciador. Nesse sentido, a proposta de Longacre (1983) inclui a noção de relações 'frustradas', que é relevante ao ambiente discursivo de *porque*. A frustração, numa relação textual, envolve uma expectativa baseada em esquemas culturais ou *frames* não preenchida.

A relação mais importante para o contexto de *porque* no estudo de Ford (1994) foi a de contraste. Um contraste envolve trechos de texto que são incompatíveis com relação a algum traço do seu conteúdo. Em termos amplos, o contraste manifesta desacordos entre interlocutores. No caso de interlocutores envolvidos em uma interação face-a-face, surge, aí, a necessidade de *explicações* ou *soluções*, em que o falante esclarece o contraste, apresentando para o desacordo uma razão muito importante ou uma consequência, que, dessa forma, quer evitar. A autora analisa tipos de combinação retórica recorrente e esperável, que compõem

a maioria dos casos presentes nos seus dados: contraste seguido de explicação e contraste seguido de solução.

Em alguns casos ordens de autoridade, correção, falas específicas, certas ações parecem exercer uma força de atuação, pelo menos em parte, causando ausência de explicação ou de solução. Nesse caso, os contrastes podem ainda estar associados a explicações e soluções, mas o falante pode indicar a autoridade sobre o que está falando, produzindo estrategicamente um contraste não-elaborado por *porque*, ou pode, ainda, sugerir a existência de um problema como uma reclamação, e oferecer uma atitude de simpatia ao invés de uma tentativa de mitigação através de *porque*.

Para Gohl (2000), o achado de Ford sobre as explicações produzidas em contextos envolvendo algum tipo de contraste é apenas aplicável a parte do material analisado por Gohl, que envolve avaliações seguidas de explicações. A autora comenta que as avaliações contêm, em geral, marcadores lexicais ou frases que as tornam “fortes avaliadores”, como, por exemplo: *especialmente, realmente, muito, totalmente*, bem como certos adjetivos como *medonho, maravilhoso, brilhante*, ou *adjetivos na forma superlativa*, e.g., *pior*, e *expressões nominais* (e.g. Tudo virou um inferno.). Explicações depois de avaliações ‘fortes’ são mais frequentes do que explicações depois de avaliações mais ‘fracas’. Essa observação leva a concluir que não são os itens lexicais que são responsáveis pela produção de uma unidade explicativa, mas a ação realizada pela afirmação avaliativa.

Por fim, a autora afirma que os pedidos são atividades que ameaçam a face porque obrigam o receptor a fazer algo: ou na forma de ação verbal (fornecendo informação), ou na forma de ação não-verbal (fazendo algo). Esse formato torna os pedidos em ações sensíveis em termos conversacionais e por isso é provável que sejam seguidos por explicações. Da mesma forma, queixas e reprimendas requerem, em geral, uma explicação.

Metodologia

Dados

Este estudo analisou o inquérito 396, bobina 145 (CASTILHO; PRETI, 1987), que trata de uma entrevista documentada pelo Projeto NURC (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta do Brasil). O NURC “tem por finalidade documentar e descrever a norma objetiva do português culto falado no Brasil

(CASTILHO; PRETI, 1986, p. 2). No inquérito analisado, composto de 2074 linhas, com duração de 75 minutos, a entrevista, que tratou dos temas *vestuário* e *diversões*, contou com a participação de duas pessoas: L1 – homem, 81 anos, viúvo, dentista, natural de Jundiáí residente em São Paulo; L2 – mulher, 85 anos, viúva, professora, natural de Sorocaba, residente em São Paulo.

Procedimentos metodológicos

A metodologia, de cunho quantitativo e qualitativo, selecionou as relações causais existentes no texto transcrito, mesmo aquelas não introduzidas pelas conjunções subordinativas causais consagradas e que necessitam de recuperação de inferências feitas através do *frame* trazido pelos interlocutores, sob a perspectiva discursiva.

Para solucionar o problema metodológico apresentando pelas relações causais não sinalizadas, recorreremos à noção de registro, ou contexto situacional, da linguística sistêmico-funcional (HALLIDAY, 1994 e seus colaboradores), que, com suas variáveis de campo (assunto), relações (pessoas envolvidas na interlocução) e modo (a linguagem utilizada nesse contexto), ajuda a restringir a imprecisão decorrente dessa não-sinalização. Além disso, considerando que a compreensão se apoia em processos e princípios envolvidos na interação de vários tipos de conhecimento (GOATLY, 1997): (a) do sistema linguístico; (b) do contexto de situação e co-texto; (c) do sistema esquemático de experiência: factual e sócio-cultural) aliados aos processos e princípios inferenciais explicitados pela pragmática, julgamos que o problema não se coloca como insolúvel. Há, porém, casos mais difíceis de caracterizar, como o seguinte:

- (10) L1 [...] era um ponto de bonde se/ ... era um ponto de bonde o bonde parava ali ... então nós rapazes ficávamos ali para ver as moças descer ...
para ver dois dedos de perna das moças ... nada mais do que dois dedos ...

O exemplo (10) envolve relação de causalidade implícita: causa: ‘para ver a perna’ e efeito: ‘ficávamos ali’. Porém, ‘ver a perna’ seria um enunciado de conteúdo negativo? positivo? neutro? Depende, talvez, do ponto de vista de quem o enuncia, ou da época em que foi enunciado, ou, ainda, da faixa etária do ouvinte atual.

Como diz Bednarek (2005), a coerência não está no texto, mas no leitor que, com o seu conhecimento de mundo, o *frame*, traz coerência ao texto. Portanto, temos consciência de que nem todas as classificações que faremos a seguir terão a adesão do leitor desta pesquisa.

O Quadro 1 mostra um resumo dos casos que podem acarretar a ocorrência de *porque*, segundo Ford (1994). Em nossa análise, examinamos casos de causalidade envolvidos por outros elementos além do *porque*, bem como os casos de causalidade indicada implicitamente, sem o uso de termo específico.

Expectativa não compartilhada	Funções discursivas da causalidade
Contraste (antítese e concessão)	Explicação
Negação	Elaboração
Avaliação forte	Extensão

Quadro 1 As funções da causalidade (Ford 1994)

Em cada exemplo, apresentamos, entre colchetes, a classificação baseada em Ford (1994), no Quadro 1. A esse quadro acrescentamos os casos de CCs que explicam enunciados *positivos* e *neutros*, além daqueles negativos citados por Ford. Houve, também, um caso de enunciado expressando *ordem*. Há casos em que o mesmo exemplo é repetido, incluído em casos diferentes, por encerrar CCs diferentes.

Análise e discussão dos resultados

Iniciamos com o estabelecimento das variáveis de registro para minimizar, segundo ensina Goatly (1997), a interpretação nos casos menos evidentes de causalidade:

- (a) *campo*: vestuário e diversões da época em que os interlocutores eram jovens
- (b) *relações*: homem (81), viúvo, dentista; mulher (85), viúva, professora. Não há informação sobre o tipo de relacionamento entre os dois.
- (c) *modo*: entrevista oral

A seguir, apresentamos algumas ocorrências de CCs, iniciando com os casos explicitamente sinalizados, seguidos das CCs não sinalizadas. Os exemplos serão apresentados enumerados em sequência, juntamente com o número da linha em que ocorreu no texto original. Colocaremos entre parênteses, em cada exemplo, a função discursiva da oração encabeçada por *porque* em relação ao enunciado negativo? positivo? ou outro da oração principal. O enunciado que acarreta a ocorrência da CC está sublinhado.

Causalidade assinalada por *porque*

(com 49 ocorrências)

(11) (148 -156) [negativo]

(L2) usava chapéu bonito ...é...

(L1) chapéus... diversos tipos de chapéu (também) ...variava demais...

(L2) ()

Doc. uhn uhn

(L1) e:: inclusive para ir ao cinema...o que eh trazi/ cau/causava revolta para o cinema e

para o teatro *porque*::... chapéu muito grande atrapalhava os

(L2) é

(L1) detrás...

(12) (269-279) [negativo]

(L1) fosse colega () de muita intimidade... mas do contrário sem intimidade ele

difícilmente ele chegaria ...o rapaz iria tirar uma moça....ele estava sujeito a levar uma

(tábua) mesmo...

Doc. ((riso))

(L2) levava tábua né?

(L1) estava sujeito a levar *porque* as moças...eram muito mais...mais... bom os costumes

eram muito ma/ evidentemente as moças tinha de:: de sair

(13) (636-644) [avaliação forte]

(L1) até mil nó/até mil novecentos e quarenta todo mundo se conhecia em São Paulo...

Doc () éh::?

(L1) (rod/é verda/rodava pela) cidade éh::...rapazes todos se conheciam... depois de quarenta

não agora () a gente vai para a cidade não conhece mais ninguém:: em absoluto...*porque* ::foi tanta gente vindo de fora tantos tantos advenas...

(L2) estran::estrangeiros não é?

(14) e (15) (524-532) [negativo]

(L1) bem que os italianos nessa ocasião ainda não eram...não eram::...não tinham galgado

à...à:::...

(L2) à posição

(L1) é...galgado essa posição assim essa::...social *porque*:: estavam começando os

industriais lá daquele tempo...então não havia propriamente a não ser havia

::...uhn::al/alguns clubes italianos ainda eram relativamente

modestos...*porque*::...milionário aqui só existia nessa ocasião três o quatro...

(16) e (17) (1494-1500) [avaliação forte]

(L2) com ::um sapatinho de verniz com uma fivela...e quando começaram as aulas “você

aproveitar esses sapato ...ele disse e ele disse para mim “AH não eu vou jogar

fora...*porque* caçoam de mim...que eu uso ando muito::lorde ... “esse daí que você é lorde

(18) (558-562) [positivo]

Doc. Voltando ao...ao assunto...éh::os tecidos se adaptavam eram adequados ao nosso

clima...naquela época?

(L1) eram *porque* mesmo a mesmo as étami/as::o voile de lã era leve...não era pesado...era

muito leve...

(19) (580-584) [avaliação forte]

(L1) e o verão era um verão ah...forte evidentemente..mas não tão forte como hoje *porque*

sempre tinha...ah::...a::aragem das matas que cercavam São Paulo tornavam o clima mais ameno...mais firme e mais ameno...

(20) e (21) (1096-1104) [positivo]

Doc. Uhn uhn

(L2) quando ficou viúva...e::mas vovó não pagava *porque* vovó tinha casas depois...vovó

cedeu a ca::as...para o:: o: (isso) Macedo Soares...

Doc. Uhn uhn

(L2) *porque* ahn ah::ela tinha uma filha casada com o ::sobrinho do Macedo Soares...

De (22) a (24), vemos exemplos em que o *porque* justifica uma afirmação nem negativa nem positiva, mas neutra. Também esses exemplos não foram envolvidos pela pesquisa de Ford.

(22) (684-691) [neutro]

(L1) não eram turcos eram sírios libaneses et cetera...então:: quase todos eles se localizaram

na rua Vinte e Cinco de Março... que passou a ser considerada a rua vinte e cinco por

cento...(risos)...sabe por quê? então:: vinte e cinco por cento *porque* naquele tempo a

lei de falência...admitia que o sujeito fizesse uma concordata pagando até vinte e cinco

por cento do dos débitos::...

(23) (770-773) [neutro]

(L2) lá nós escolhíamos as roupas...porque tinha uma parte...que vovó criou desde

pequenina...duas...e tinha outras que vieram de Jundiaí com mamãe que veio para cá

também...

(24) (837-843) [neutro]

(L1) isso o me/ o Mappin é de mil noventa e e::...o Mappin ::....

(L2) não sei ::quanto...

(L1) o Mappin:: (Oeb)...foi:: é de mil novecentos Mappin Loeb *porque* no pra/no princípio era Mappin Loeb eram só joias...joias e pratarias...na rua Quinze de Novembro...

No exemplo (25), *porque* justifica um comando de ‘tomar banho’. Esse tipo de uso do *porque* não foi mencionado por Ford.

(25) (1448-1451) [comando]

(L2) e às vezes eles apareciam lá na porta todo sujinho de carvão...eu dizia Olha só...(eles) estão envergonhando vão vão vamos lá para casa tomar banho *porque* agora já acabou a aula né?...

Causalidade assinalada por *então*

(com 6 ocorrências)

(26) (6 e 9) [positivo]

(L1) Certo...*então*... bom pra escola [porque] ti/...ti/tinha uniforme...

(27) (131) [negativo]

(L1) [...] as primeiras que saíram de jupe culote foram vaiadas

(L2) .[porque] éh principalmente no interior eram ...vaiadas né?...

(28) L1 (327-331) [avaliação forte]

(L1) uma polícia só...a polícia militar*então* [porque] o guarda cívico quase todos eles era/eram portugueses...quase todos eram portugueses...raro o brasileiro...depois *então* foi suprimida a guarda cívica.

Causalidade indicada por *que*

(com 4 ocorrências)..

(29) (312-316) [negativo]

(L1) e de vez em quando mandavam alguns pro/alguma pra/algum soldado para espantar o coió que o coió estava um bocadinho...(mais)...mais expansivo lá vinha algum

(30) (658-659) [avaliação forte]

(L1) ...que hoje não existe mais hoje e::ra::o comércio ...pão pão queijo queijo

(31) (324-331) [neutro]

(L1) mas:...todo etc (ele é) o::serviço dele (ele é) o ::serviço dele era ::...vigi-
lância nas ruas

(e certos serviços)...praticamente...era uma polícia de vigilância ...que
[porque] tinha

outra polícia que era uma polícia só...a polícia militarentão o guarda
cívico quase

todos eles era/eram portugueses...quase todos eram portugueses...raro o
brasileiro...depois então [porque] foi suprimida a guarda cívica... e o
Washington criou a ::...guarda civil ...esse guarda civil que existiu até há
pouco tempo...

Causalidade indicada por *quando*

(com 2 ocorrências)

(32) (1096-1104) [neutro]

(L2) *quando* [porque] ficou viúva...e::mas vovó não pagava porque vovó ti-
nha casas depois...vovó

cedeu a ca::as...para o:: o: (isso) Macedo Soares...

Doc. Uhn uhn

(L2) porque ahn ah::ela tinha uma filha casada com o ::sobrinho do Macedo
Soares...

Causalidade indicada por *mas*

(com 5 ocorrências)

(33) (275-281) [positivo]

(L1) bom os costumes eram muito ma/evidentemente

Doc. é

(L1) muito mais

Doc. sei...

(L1) mais severos do que hoje...e::...

(L2) *mas* [porque] lá em casa tinha hora para estar na janela...uma certa hora
vovó

chegava olha...já está noitinha...

Causalidade indicada por *evidentemente*

(com 6 ocorrências)

(34) (56-57) [neutro]

(L1) calça paletó e colete evidentemente [porque] era falta de educação apa-
recer numa casa

de família... ou (nu/numa) reunião qualquer sem o::... se o colete

(35) (117-118) [negativo]

(L1) ... vestiam-se muito mais modestamente evidentemente [porque] ... usa-
vam chita e até no

calçado era diferente ...

Causalidade indicada por léxico causativo

(1 ocorrência)

(36) (148 -156) [negativo]

(L2) usava chapéu bonito ...é...

(L1) [porque] chapéus... diversos tipos de chapéu (também) ...variava demais...

(L2) []

Doc. uhn uhn

(L1) e:: inclusive para ir ao cinema...o que eh trazi/ cau/causava revolta para
o cinema e

para o teatro porque::... chapéu muito grande atrapalhava os

(L2) é

(L1) detrás...

Causalidade indicada sem termo específico

(com 31 casos)

Passamos a apresentar alguns exemplos de causalidade com indicação nula.

(37) (71-77) [negativo]

(L1) muito poucas moças iam usavam vestidos completos para...para o durante o dia...muito muito poucas...e::pela::pouco acima do...do que nós ali chamaríamos hoje
cano de bota cano das botinhas...não tinha: [porque] :aquele tempo não se usava
botinhas...usavam as moças usavam sapatos...e botinhas

(38) (254 -260) [negativo]

(L2) era muito namoradeira...mas no bai::le

(L1) de vassourinha

(L2) a gente não saía sem uma apresentação...

Doc. Por quê?

(L1) bailes::...[porque] não se dançava com a pessoa

(L2) sem uma pessoa conhecida apresentar::r o rapaz para a gente dançar não é?

(39) (574-576) [neutro]

(L1) e os casacos de astracã durante o inverno (etc)... [porque] e o inverno era firme é
realmente era firme eram três meses quatro meses de inverno no máximo...

[

(40) (875-877) [negativo]

L1 nem vestido de noiva feito existia [...] vamos dizer [porque] mais de noventa de noventa e cinco por cento era:::...feita nos costureiros ou feita pela pró/pró/própria família.

(41) (912-914) [neutro]

L1 o Canicceli e o Vieira Pinto...eram especialistas e...então::digamos aí [porque] já existia um pouco de moda a roupa acinturada...

(42) (1653) [negativo]

L1 [...] ficava um bocadinho cheirando café mas depois desaparecia ...

L2 é [porque] não tinha muito tintureiro não...

(43) (1680) [avaliação forte]

L1 tudo é novo... quer dizer que :: [porque] havia um espírito de economia...

Causalidade expressa pela sequência cronológica

(1 ocorrência)

(44) (622- 625)

(L1) [porque] ...houve a::...a invasão ::de São Paulo... (por)...por por pessoas::não só de fora... principalmente de fora...cresceu muito depois da guerra...imigração...e::...e do Norte sobretudo do Norte...então aí mudou mudaram-se os hábitos... [negativo]

Por isso (implícito)

(com 10 casos)

Neste caso, há uma inversão na ordem de aparecimento em relação às demais ocorrências: da causa vai-se à consequência. e.g. *havia muito mais::...dificulda ::de* (causa) e [por isso] *difícilmente um rapaz saía com uma moça* (consequência).

(45) (211-214) [avaliação forte]

(L1) e::as moças (quer dizer::) havia muito mais::...dificulda ::de de um ra/ rapaz

[por isso] (era) difícilmente um rapaz saía com uma moça...era muito difícil...a não

ser quando havia muita intimidade

(46) (324-331) [negativo]

(L1) mas::...todo etc (ele é) o::serviço dele (ele é) o ::serviço dele era ::...vigilância nas ruas

(e certos serviços)...praticamente...era uma polícia de vigilância ...que tinha

outra polícia que era uma polícia só...a polícia militar ...então o guarda cívico quase todos eles era/eram portugueses...quase todos eram portugueses...raro o brasileiro...depois então foi suprimida a guarda cívica... e [por isso] o Washington criou a ::...guarda civil ...esse guarda civil que existiu até há pouco tempo...

A análise da entrevista com L1 e L2 mostra que a causalidade foi expressa tanto através de itens lexicais quanto implicitamente, conforme os Quadros (2a e 2b), num total de 125 ocorrências. Alguns itens constituíram surpresa: ou porque nunca foram citados como relacionados à causalidade, como o item *evidentemente*, comum na fala de L1, sempre explicando afirmação de conteúdo neutro; ou porque sempre citados como sendo conjunção causal tiveram ocorrência mínima, como é o caso de *já que* ou nela, como: *uma vez que, porquanto, visto que*, ao menos da modalidade oral em conversa casual.

Se compararmos os quadros com os conectivos citados por Silveira Bueno (1956) e Said Ali (1964), verificaremos que os seguintes não estão nas suas listas: *então, evidentemente, mas, agora, para, depois, é que, CC indicada por sequência temporal e por léxico específico*. Quanto à relação de Jordan, os indicadores de CCs, *meio, assim, isto e preposição* não foram detectados em nossos dados.

Expressão da causalidade (80 ocorrências)											
porque	então	evidentemente	mas	que	agora	para	quando	depois	já que	é que	por
49	6	6	5	4	2	2	2	1	1	1	1
39%	5,1%	5,1%	4%	3%	1,5%	1,5%	1,5%	0,8%	0,8%	0,8%	0,8%

Quadro 2a Léxico que expressa causalidade

(cont.) Causalidade implícita (45 ocorrências)		
sequência temporal	léxico específico	indicação nula
1	1	43
0,8%	0,8%	34,5%

Quadro 2b Léxico que expressa causalidade

A análise mostra que na entrevista com L1 e L2 ocorreram 125 casos de CCs, distribuídos da seguinte maneira: 39,0% de CCs indicados por *porque*; 34,5% indicadores nu

Ocorrências de CCs após afirmação de conteúdo todas com função explicativa				
negativo	neutro	positivo	de avaliação forte	de comando
75	21	20	8	1
60,0%	17,0%	16,0%	6,0%	1,0%

Quadro 3 As funções das CCs na entrevista analisada

Conclusão

A pesquisa confirma, na maioria dos casos, o estudo de Ford, pois, de fato, as CCs ocorrem maciçamente (60,0%) após afirmação de conteúdo negativo. Porém há também casos não enfocados pela autora, ou seja, de CCs explicando afirmações de cunho neutro (17,0%) e positivo (16,0%) e de comando (1,0%). A autora diz que o *porque* pode encabeçar explicações, elaborações e extensões, mas em nossos dados só foram constatadas as explicações. De certa forma, essas três denominações são difíceis de ser semanticamente delineadas, já que uma explicação pode sempre ser elaborada e estendida, dependendo apenas de seu comprimento. Ford não elabora essa distinção; além disso, também não exemplifica o caso de *porque* encabeçar uma solução. Em nossos dados, não houve nenhuma evidência desse caso.

Por outro lado, levando em conta a variável de registro *relações*, talvez a pequena ocorrência de *porque* após avaliação forte se deva ao fato de os interlocutores serem pessoas idosas, que conversaram em tom amigável sobre assunto ameno – vestuário e diversões, de lembranças do passado – com a cerimônia que parece, em geral, marcar o comportamento de pessoas dessa faixa etária, especialmente em público. Assim, também o *campo*, em outro registro/gênero, deve apresentar diferenças na ocorrência de CCs, pois um assunto controvertido, discutido por pessoas de opiniões diferentes, provavelmente faria resultar um quadro diferente de CCs.

Esperamos que este estudo possa contribuir para esclarecer um pouco mais a natureza da expressão da causalidade, bem como as suas funções discursivas. Na verdade, o assunto é bastante amplo e necessita de um estudo mais detalhado que examinasse: (a) o conectivo que se liga mais frequentemente a cada um dos tipos de enunciado classificado acima; (b) a existência de CCs típicas da oralidade e da escrita.

IKEDA, Sumiko Nishitani; DELPHINO, Fátima Beatriz De Benedictis. The discursive functions of causality. **Revista do Gel**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 9-30, 2009.

ABSTRACT: *A number of clauses introduced by a 'subordinating causal conjunction are not actually subordinate causal clauses: the conjunction because might introduce three type of interpretation of the causal relation, according to Sweetser (1991), namely content, epistemic and acts of speech. However, the cause-effect relation is not always signaled by traditional means, sometimes occurring implicitly case in which the listener needs to deduce from the context. Furthermore, the causal construction involves discursive functions: within the dialogic perspective of language, it generally emerges after rhetorical relations of contrast and negation or, more generically, after propositions that go against shared expectations. This research aims to not only the lexicogrammar choices for the realization of the causal relation, based on Jordan (1998), but also specify the discursive functions of causality in Portuguese, besides the traditionally known functions of contrast and explanation, studied in English by Ford (1994; 2000). Causality will be focused on in spoken language, in dialogs between speakers of standard cultivated speech. The methodology consists in counting the choices for its expression, as well as the later classification of these realizations, considering its discursive function.*

KEYWORDS: *Causality. Expression of causality. Discursive Functions. Conversation.*

Referências

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1967.

ATKINSON, M.; HERITAGE, J. (eds.) **Structures of Social Action**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1973.

BEDNAREK, Monika A. Frames revisited - the coherence-inducing function of frames. **Journal of Pragmatics** 37.5 (685-706), 2005.

BLAKEMORE, D. **Semantic constraints on relevance**. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

BROWN, P.; LEVINSON, S. **Some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BUENO, Silveira. **Dicionário Silveira Bueno**. São Paulo: Editora FTD, 1956.

CASTILHO, A. T.; PRETI, D. (orgs.) **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo** v.I. São Paulo: T.A. Queiroz, Editor; São Paulo: FAPESP, 1986.

_____; _____. (orgs.) **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo** v.II. São Paulo: T.A. Queiroz, Editor; São Paulo: FAPESP, 1987.

DANCYNGIER, B.; SWEETSER, E. Constructions with *if*, *since*, and *because*: Causality, epistemic stance, and clause order. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMAN, B. (eds.) **Cause Condition Concession Contrast**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 111-142.

DECAT, M. B. N. Relações Adverbiais e Gêneros do Discurso. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 28. p. 19-36, 1995.

FORD, C. E. Dialogic aspects of talk and writing: Because on the interactive-edited continuum. **Text**, [S.l.], v.14. p. 531-554, 1994.

_____. The treatment of contrasts in interaction. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMAN, B. (eds.) **Cause Condition Concession Contrast**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 283-311.

GAMA KURY, A. da. **Lições de Análise Sintática**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1970.

GOATLY, Andrew **The language of metaphors**. NY: Routledge, 1997.

GOHL, C. Causal relations in spoken discourse: Asyndetic constructions as a means for giving reasons. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMAN, B. (eds.) **Cause Condition Concession Contrast**. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 83-110, 2000.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. Londres: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context, and text**: aspects of language in a social-semiotic perspective. Oxford: Oxford University Press, 1989.

- HERITAGE, John. **Garfinkel and Ethnomethodology**. Cambridge: Polity Press, 1984.
- IKEDA, S. N.; DOTTORI FILHO, A. A. causalidade: análise de enunciados produzidos em uma reunião imobiliária. **Linguagem em Discurso**, São Paulo, v. 6, n. 2, 269-297, 2006.
- JORDAN, M. P. Pragmatic, stylistic and grammatical limitations on choice – A study of cause-effect signalling in English. In: SÁNCHEZ-MACARRO, A.; CARTER, R. (eds.), **Linguistic choice across genres** – variation in spoken & written English. Amsterdam: Benjamins, p. 65-86, 1998.
- LONGACRE, R.E. **The grammar of discourse**. New York: Plenum, 1983.
- MAAT, H. P.; SANDERS, T. Domains of use or subjectivity? The distribution of three Dutch causal connective explained. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMAN, B. (eds.) **Cause Condition Concession Contrast**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 57-82.
- MANN, W.C.; THOMPSON, S. A. Relational Propositions in Discourse. **Discourse Processes**, [S.l.], v. 9:1, p. 57-90, 1986.
- NEVES, M.H. de M. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: UNESP, 2000.
- POMERANTZ, A. Agreeing and disagreeing with assessments: Some features of referred/dispreferred turn shapes. In: ATKINSON, M.; HERITAGE, J. (eds.) **Structures of Social Action**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, p. 57-101.
- _____. Pursuing a response. In: ATKINSON, M.; HERITAGE, J. (eds.) **Structures of Social Action**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- ROCHA LIMA, C.H. da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Cia. Editora Americana, 1969.
- SACKS, H. On the preferences for agreement and contiguity in sequences in conversation. In: BUTTON, G.; LEE, J.R. E. (eds.) **Talk and Social Organization**. Philadelphia: Multilingual Matters, 1987.
- SAID ALI, M. **História da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1964.
- SCHLEPPEGRELL, M. Subordination & Linguistic Complexity. **Discourse Processes**, [S.l.], v. 15, p. 117-131, 1992.
- SPOOREN, W. The processing of underspecified coherence relations. **Discourse Processes**, [S.l.], v. 24, p. 149-168, 1997.
- SWEETSER, E. E. **From etymology to pragmatics** – Metaphorical and cultural aspects of semantic structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.